

com Brasília

Os donos do pacote

• Quando o presidente FH perguntou ontem aos líderes aliados se achavam oportuno que ele conversasse com a oposição sobre o pacote fiscal, estes responderam em coro que não. "Deixa conosco". Querem a exclusividade na hora de votar para terem cacife na composição do Ministério. E não arranjarão mesmo nada com a oposição, mais interessada em marcar as diferenças com o modelo econômico. Continua valendo a tática do rolo compressor.

Nasce morta, portanto, a intenção do presidente e do PSDB de inaugurar uma nova convivência parlamentar no segundo mandato, da qual já falaram o governador Mário Covas e o líder Aécio Neves, entre outros.

A base governista, como disseram claramente ontem alguns de seus líderes, quer ser dona exclusiva do pacote e aprovar as medidas sozinha. Nem deve introduzir alterações significativas, desde que o presidente saiba amarrar previamente a distribuição dos espaços no novo governo. "Podemos votar antes, mas com tudo acertadinho", diz o petebista Paulo Heslander. Logo no primeiro teste depois da reeleição, os aliados do presidente recaem na barganha.

— Lamento muito que se tenha feito de novo uma opção pela emergência. Ela leva o presidente a repetir os acordos de sempre e a continuar prisioneiro deles — diz o governador eleito do Acre, Jorge Viana (PT), que via no ajuste a primeira oportunidade de um diálogo adulto entre oposição e Governo. Na sexta-feira passada, quando falou pelo telefone com Fernando Henrique, sentiu-o disposto a quebrar as barreiras. Viana participa, com os outros governadores elei-

tos pela oposição, da reunião de hoje em Brasília para discutir o pacote. Lula e Brizola devem estar presentes.

Mas se há um Jorge Viana querendo conversar, a banca da parlamentar da esquerda também não quer conversa, da mesma forma que os governistas.

— Com esse pacote não há diálogo. Tiraram dele até uma cerejinha simpática como o imposto sobre grandes fortunas. Jogaram toda a conta para os servidores e para a classe média — diz o deputado José Genoíno (PT-SP).

Uma equipe de técnicos do PT e do PDT trabalha sobre os pontos do pacote para produzir, inicialmente, uma nota técnica. Quando o Governo formalizar as medidas, a oposição apresentará sua própria alternativa. Ela buscará o ajuste, mas com outra lógica econômica. Suprimindo renúncias fiscais, preservando os trabalhadores e o setor produtivo e cobrando mais do capital financeiro e especulativo.

Por que ninguém quer conversar? Porque no fundo estão todos de olho em 2002. Os partidos governistas querem espaço para se armar. A oposição agarrando a chance de provar que a política econômica do Governo falhou.